



“Saber para Cuidar” e Secretaria de Educação de BH se reúnem para parceria. Leia na Pág. 2.

Foto: Cláudia do Couto

Editorial

## Bater palmas juntos

Por Cláudia do Couto, coordenadora da sensibilização do Saber para Cuidar.

Na semana passada recebi por e-mail um texto que me inspirou. Repliquei para os amigos, pois foi algo que realmente me fez refletir. O texto contava sobre um comediante que, nos idos da II Guerra, foi chamado a apresentar-se em um hospital de veteranos. Esperava-se uma participação breve, mas ele acabou estendendo-se além do esperado, arrancando risos e aplausos. Ao ser questionado o porquê de tê-lo feito, ele justificou apontando para a plateia: logo à frente, dois soldados mutilados pela perda de um dos braços, batiam palmas juntos, agradecendo pelo show, um na mão do outro.

O texto convidava a olharmos a imperfeição do outro não como uma falha, mas como diferença que pode ser complementar à nossa, nos melhorar e ajudar a crescer. Trazendo para nossa realidade, a reflexão é muito pertinente. Ao olhar alguém com doença falciforme, tendemos a ver suas diferenças como fragilidades. Porém, se virmos essa pessoa em toda sua grandeza, e não apenas a doença, nos permitiremos aprender e amadurecer de maneira nova. Olhar a diferença do outro sob a ótica das nossas especificidades é um exercício de humanidade e

crescimento. E isso vale para todos ao nosso redor! Filhos, amigos, namorados, colegas de trabalho. Termina com a frase utilizada pela autora do texto citado, Bertina Coias Tomé, diretora da revista portuguesa Mulher Criativa: vamos bater palmas juntos?

Nesta Edição



Foto: Banco de imagens

**Estudo avalia sistema cognitivo na doença falciforme.**

Página 3

**Projeto de intervenção em UMEI de Belo Horizonte.**

Página 4

## A Cara do Saber

Foto: Carol Morena



Rafaella Arruda

Por Rafaella Arruda, jornalista.

Atuo no Nupad desde 2013 como Analista de Comunicação e sou responsável, juntamente com o Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG (CCS), pela edição deste boletim desde a sua primeira edição, em março de 2014. Durante esses quatro anos, tenho escrito sobre a triagem neonatal e, nesse âmbito, também sobre a doença falciforme.

Meu trabalho me dá a oportunidade de conhecer muitas pessoas e muitas histórias. E sempre aprendo bastante com todas elas! Dentre estas, é sempre uma grande satisfação falar sobre o projeto “Saber para Cuidar” e acompanhar de perto sua evolução e tudo o que ele envolve. E como ele tem crescido e influenciado cada vez mais pessoas. É realmente bonito de perceber!

Escrever sobre o “Saber” é falar de entusiasmo, cooperação, integração. É narrar um trabalho bonito, intenso e incansável de profissionais da Saúde e da Educação que demonstram nunca perder o foco: a busca pelo conhecimento que represente vida melhor às pessoas com doença falciforme. Sem dúvida nenhuma, me sinto parte deste grupo!

## Saber em ação

## “Saber para Cuidar” firma cooperação com Secretaria de Educação de BH

*Texto publicado no Cehmob-MG.*

Representantes do “Saber para Cuidar: doença falciforme na escola” reuniram-se com membros da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), em 2 de março, para firmar parceria na realização do curso a distância “Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar”. O curso, realizado pelo projeto e financiado pelo MEC, já capacitou 400 servidores municipais da Educação em 2016, em Minas Gerais e na Bahia, e prepara-se para oferecer mil novas vagas, inclusive em outros estados.

No encontro, a secretária de Educação, Ângela Dalben, assinou o termo de adesão ao projeto. O documento define as funções da equipe do “Saber para Cuidar”, dos gestores da Educação (responsáveis por indicar os cursistas), e dos próprios cursistas na realização do ensino a distância. “Esse termo representa a afirmação de uma parceria”, diz a coordenadora do “Saber para Cuidar”, Isabel Castro. Segundo ela, a SMED se mostrou muito mobilizada em relação ao projeto: “O curso será a porta de entrada para outras ações no município. A pedido da Secretaria, faremos sensibilizações presenciais com diretores de escolas, monitores de Programa Saúde na Escola e gerentes das regionais”.

São 300 vagas oferecidas para os servidores de Educação de BH. As outras 700 serão preenchidas por Contagem e Ribeirão das Neves (MG) e demais municípios da Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão e Pernambuco. Os cinco estados apresentaram as maiores incidências para doença falciforme no país.



Secretária de Educação assina termo de adesão.

Foto: Cláudia do Couto

# Coordenadora do “Saber para Cuidar” investiga a capacidade cognitiva na doença falciforme em tese

Por Cláudia do Couto, coordenadora da sensibilização do Saber para Cuidar.

Um dos sintomas da doença falciforme é o acidente vascular cerebral (AVC) que, entre outros danos, pode afetar as funções cognitivas do indivíduo. Porém, as diversas alterações que a própria doença causa no organismo podem afetar a cognição mesmo naquelas pessoas que não sofreram de episódios de AVC. A psicóloga Isabel Castro, coordenadora do projeto “Saber para Cuidar”, analisou o desenvolvimento cognitivo da pessoa com doença falciforme em sua tese de doutorado recém-defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da UFMG.

Os resultados de sua pesquisa surpreenderam. Toda literatura internacional apontava que as pessoas que sofriam os Infartos cerebrais silenciosos (ICS), que diferente do AVC, são assintomáticos no que diz respeito a manifestações clínicas evidentes, teriam menor capacidade cognitiva do que as que não os tem. “Vimos que não necessariamente aquele sujeito sem lesão não tem perda na conexão cerebral, o que mostra que a anemia falciforme é muito mais silenciosa em termos cognitivos do que achávamos em Minas Gerais”, declarou Isabel. “Os danos cognitivos são intensos e se manifestam mesmo na ausência de infartos silenciosos o que, a nosso ver, requer abordagem preventiva precoce para evitar tais prejuízos”. Este resultado nos alerta que a pessoa pode estar bem clinicamente, mas isso não quer dizer que não estejam acontecendo perdas significativas em sua condição cognitiva.

Foram avaliados 64 sujeitos, dos 7 aos 13 anos, com anemia falciforme – tipo mais comum e grave da



Foto: Carol Moreira

doença, todos sem episódio anterior de infarto cerebral manifesto e foi feita uma comparação com um grupo controle da mesma faixa etária.

Este estudo contribui para conhecermos melhor as manifestações da doença falciforme que influenciam a vida acadêmica da pessoa que a tem. Assim, a escola pode ser melhor orientada para que o acompanhamento pedagógico seja de acordo com as necessidades reais deste indivíduo. Outra contribuição é que a pesquisa explicita a necessidade de políticas públicas em educação, saúde e assistência, visando garantir acesso e permanência da pessoa com doença falciforme no ambiente acadêmico. O “Saber para Cuidar” é uma iniciativa que caminha nesta direção, visando sempre à melhoria da qualidade de vida da pessoa com doença falciforme por meio da disseminação do conhecimento!

**Tese:** Avaliação de sistemas cognitivos na anemia falciforme: estudo comparativo de crianças e adolescentes com e sem infartos cerebrais silenciosos.

**Autor:** Isabel Pimenta Spínola Castro

**Data da defesa:** 02/12/2016

**Orientação:** Prof. Marcos Borato Viana – UFMG

## Além da rede

# Formação continuada: ação necessária ao professor

Por Rosely Batista de Sá, Educação Infantil em Belo Horizonte – UMEI Cavalinho de Pau.

Foto: Arquivo pessoal



Rosely Batista

A formação e o conhecimento sobre a doença falciforme (DF) são condições necessárias ao professor para que ele saiba cuidar e educar o aluno com a doença no cotidiano escolar. A formação com o curso “Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar” foi muito importante pois possibilitou refletir sobre a doença e nosso desconhecimento acerca dela. Durante as aulas, observei que, embora já tivéssemos tido alunos com a doença falciforme, nós, a equipe docente da UMEI Cavalinho de Pau, pouco ou nada sabíamos do tema.

Com isso, entendi a necessidade de realizar o projeto de intervenção na UMEI. Aplicamos um questionário de cinco perguntas para 22 professoras a fim de detectar o nível de conhecimento sobre a DF. Em três dias, foram devolvidos 16 questionários, sendo um em branco. A pesquisa demonstrou a necessidade de se informar sobre a DF e possibilitou estimular o interesse dos colegas sobre o tema\*. Cartazes foram colocados na escola com informações sobre a doença, tratamento e atuação dos profissionais, e uma apostila foi deixada na sala de reunião das professoras para consulta.

O professor tem papel significativo no tratamento da criança com a doença crônica, incentiva a permanência

do aluno na escola e auxilia na superação das dificuldades de infrequência e inclusão do estudante. Agradeço os conhecimentos valiosos que vivenciei no curso a distância. A Educação necessita de profissionais ávidos em aprender e capacitar, possibilitando, assim, aprendizagens de mais qualidade aos estudantes.

## \*Resultados da pesquisa:

### O que é doença falciforme?

- 69%: doença hereditária
- 19%: desconheço
- 6%: doença adquirida
- 6%: não responderam

### Qual a origem da doença falciforme?

- 50%: Continente africano
- 25%: Europa
- 13%: América do Norte
- 6%: Ásia
- 6%: não responderam

### Qual a população ou grupo de maior prevalência da doença falciforme?

- 44%: desconheço
- 31%: negros/pretos/pardos
- 13%: não responderam
- 12%: branca/origem europeia

### Há algum aluno com doença falciforme na escola? Tem conhecimento?

- 56%: desconheço
- 31%: teve
- 13%: não responderam

### Como classifica a necessidade de informações sobre as peculiaridades da DF?

- 94%: muito importante
- 6%: não responderam

Você quer dividir conosco sua experiência na atenção à pessoa com doença falciforme? Escreva-nos no [saberparacuidar@nupad.medicina.ufmg.br](mailto:saberparacuidar@nupad.medicina.ufmg.br) e envie uma foto. Quem sabe na próxima edição você participa conosco?

## Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelio Januario e Mitiko Murao. Coordenação Técnica do Saber para Cuidar: doença falciforme na escola: Isabel Castro. Redação: Cláudia do Couto, Rafaella Arruda, Rosely Batista. Instituições realizadoras: Ministério da Saúde, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. Instituição parceira: Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG: Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). Edição: Rafaella Arruda. Projeto Gráfico: Luiz Romaniello. Diagramação: Clarice Passos. Atendimento Publicitário: Ingrid Souza. Boletim de circulação online: [www.cehmob.org.br](http://www.cehmob.org.br). Contato: [jornalismo@medicina.ufmg.br](mailto:jornalismo@medicina.ufmg.br). É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.